

“ACABEM COM O TORMENTO DAS FESTAS DE DIA DAS MÃES DA ESCOLA, APROVEITEM E CANCELEM A DO DIA DOS PAIS TAMBÉM”: O OLHAR DAS PROFESSORAS SOBRE AS DATAS COMEMORATIVAS NO ENSINO FUNDAMENTAL.

“THEY FINISH WITH THE TORMENT OF THE MOTHER'S DAY HOLIDAYS OF THE SCHOOL, PURSUIT AND CANCEL THE FATHER'S DAY ALSO ”: THE TEACHERS 'LOOK AT THE COMMEMORATIVE DATES IN FUNDAMENTAL TEACHING.

Alessandra Grunow Vieira¹

Lucy Cristina Ostetto²

RESUMO: A presente pesquisa tem como finalidade refletir sobre a importância das comemorações das datas comemorativas em especial o dia dos Pais e o dia das Mães, com incidência especial aos conteúdos ensinados nas aulas de História, tendo como enfoque a concepção dos professores referente ao tema. A pesquisa foi de natureza básica e cunho qualitativo, para a coleta de dados foi aplicado um questionário com três professores que lecionam na Instituição de Ensino Bairro da Juventude, localizado no município de Criciúma/SC. Tendo como problema de pesquisa: Você trabalha as datas comemorativas em especial o dia das Mães e o dia dos Pais? Em conjunto com os objetivos específicos: Compreender como surgiram as comemorações das datas comemorativas. Verificar se as datas comemorativas estão inseridas no currículo de História (PCNS de História de 1997 e PCSC de 1998). Analisar se os professores abordam as datas comemorativas. Refletir sobre o papel das datas comemorativas para divulgar um modelo de família estereotipado. Os referenciais teóricos mais utilizados foram os: PCN's (1997), PCSC (1998), BARBOSA E HORN (2008), OSTETTO (2000), ZAMBONI (2002), HOBBSAWM (2012), entre outros. Como resultado, percebe-se que é preciso repensar o ensino pautado nas datas comemorativas, sendo necessário reconhecer a magnitude do impacto destas comemorações na vida dos educandos.

PALAVRAS CHAVE: Datas comemorativas. Dia dos Pais e dia das Mães. História. Professores.

ABSTRACT: The purpose of this research is to reflect about the importance of commemorative dates, especially Father's and Mother's Day, with a special focus on what is

¹ Graduada em Pedagogia pela UNESC alessandragrunowv@gmail.com

² Mestra e doutoranda em História pela UFSC. Professora dos departamentos de História e Pedagogia da UNESC. lco@unesc.net

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 2, nº2, julho/dezembro 2018.– Curso de Pedagogia– UNESC

taught in History classes and on teachers' conception of this theme. This is a basic and qualitative study. Data collection was obtained with a questionnaire applied to three teachers of an educational institution named “Bairro da Juventude”, in Criciúma / SC. The research problem was: Do you work with commemorative dates, especially Mother's and Father's Day? The specific objectives of the study were: To understand how they became commemorative dates; Check if commemorative data is part of the History curriculum (PCNS de História de 1997 and PCSC de 1998); To analyze teachers approach to these dates; To reflect how commemorative dates can promote a stereotyped family model. Some of the literature used on this research was: PCN's (1997), PCSC (1998), BARBOSA E HORN (2008), OSTETTO (2000), ZAMBONI (2002), HOBBSAWM (2012). The result shows it is necessary to think about the teaching based on the commemorative dates, and also to recognize the impact of this in the life of the students.

KEYWORDS: Commemorative dates. Father's day and Mother's day. History. Teachers

1 INTRODUÇÃO

A sociedade, como estabelecida nos dias atuais, possui como base estrutural, ou seja, como célula estruturante, a família. “A principal função da família e a sua característica de meio para realização dos nossos anseios e pretensões. Não é mais a família um fim em si mesmo, mas, sim, o meio social para a busca de nossa felicidade na relação com o outro” (GAGLIANO E PAMPLONA FILHO, 2011, pg.98).

Com o desenvolvimento e evolução social, nos mais diversos segmentos, não poderia a família ficar para trás. Cada dia novas estruturas parentais e conjugais são formadas, citam-se como exemplo as famílias: poliafetivas, coparentais, multiparentais, monoparentais. Assim, não se pode mais analisar as famílias com a visão minimalista pré-estabelecida.

Neste toar, o presente artigo procura analisar o olhar, prática e abordagem dos professores sobre as datas comemorativas, tendo como ênfase o dia dos Pais e dia das Mães. Com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais referentes à disciplina de História (1997) e também a Proposta Curricular de Santa Catarina (1998). Observando, de forma especial, as séries iniciais da Instituição de Ensino Bairro da Juventude.

A escolha deste tema surgiu de algumas inquietações: O dia dos pais e das mães é trabalhado nas séries iniciais? De que forma é abordado? Como trabalham com os alunos que por ventura têm os pais e mães que são ou estão ausentes? Ou ainda se não trabalham estas

datas, qual a justificativa dos professores? Consideram importante trabalhar com tais datas? Qual seria o papel destas datas comemorativas para o ensino?

Fomentando a curiosidade, extrai-se de um artigo redigido pela jornalista e escritora Rita Lisauskas, na revista eletrônica Estadão com o tema: “Acabem com o tormento das festas de dia das mães da escola, aproveitem e cancelem a do dia dos pais também” que muito se aproximou com a discussão deste artigo. Segundo Lisauskas (2017), as mães se sentem muito orgulhosas de seus filhos quando recebem de suas mãos lembrancinhas e também homenagens envolvendo apresentações. Porém, neste mesmo momento, algumas crianças se sentem miseráveis, impotentes e sozinhas diante das outras; sendo que seus pais, ou figuras cuidadoras, não estarão presentes nas mesmas homenagens, nem nunca vão receber as lembrancinhas elaboradas em sala de aula.

Assim, com o escopo de analisar e compreender em qual momento da história as datas comemorativas foram incluídas nas disciplinas escolares - com incidência especial nas aulas de História – é de suma importância que as relações entre pais, mães, filhos, filhas e cuidadores se façam presentes na escola. Desta forma, pontua-se que esta relação não deve ser vista apenas como situação de dação de presentes, como exemplificado, mas com o propósito de estar sempre alinhada à diversidade dos diversos tipos de família que permeiam nossa sociedade. Ainda sobre Lisauskas (2017):

Confesso que quando meu filho entrou na escolinha estranhei que, com a chegada do mês de maio, não tivesse nenhuma convocação para a festinha do dia das mães. Na sexta-feira anterior à data até recebi um presentinho na mochila – acho que algum desenho de uma mão gorducha que se imprimiu à folha de sulfite depois de mergulhada na tinta, uma coisa muito fofa. Mas festa? Nenhuma. Perguntei a razão à professora e ela me lembrou o óbvio. Nem todos os alunos têm mães, nem todos os alunos têm pais, outros têm duas mães, nenhum pai, ou dois pais, nenhuma mãe. Lembrou-me que há crianças que são cuidadas pelos avós, pelos tios, pelos padrinhos. Eu olhava ao meu redor e via que todas as crianças da classe do meu filho tinham mães e pais, mas a vida não era assim, estávamos numa bolha que, a qualquer momento, podia estourar.

Assim, elegemos como problema de pesquisa: Você trabalha as datas comemorativas, em especial o dia das Mães e o dia dos Pais?

Para dar conta de responder esta problematização, tem-se como objetivo geral analisar se os professores abordam as datas comemorativas, em especial dia dos Pais e dia das

Mães. E, como objetivos específicos, compreender como surgiram as comemorações das datas comemorativas. Verificar se as datas comemorativas estão inseridas no currículo de História (PCNS de História de 1997 e PCSC de 1998). Analisar se os professores abordam as datas comemorativas. Refletir sobre o papel das datas comemorativas para divulgar um modelo de família estereotipado.

Optou-se pelas seguintes questões norteadoras: Como surgiram as comemorações do dia dos pais e das mães na escola? Os professores abordam as datas comemorativas como conteúdos de história? É possível trabalhar o ensino de História sem as datas comemorativas?

A pesquisa é um processo lógico e organizado por problemas propostos, conforme Gil (2007) ela é formada por diversas partes que vão desde a definição do problema até os resultados. Compreendida também por fundamentação teórica, por meio de pesquisa bibliográfica, que segundo Gil (1999) enobrecem o trabalho, pois constituem em uma rede muito maior do que o pesquisador poderia ter contato direto. Neste sentido, a pesquisa caracteriza-se como qualitativa que segundo Goldenberg (1997, p. 34):

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. Assim, os pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa.

Para realização da pesquisa, elaborou-se um questionário com dez questões, (ANEXO 1) que veio a ser respondido por três professores que lecionam nos anos iniciais do Bairro da Juventude, localizado no município de Criciúma/SC. A Instituição recebeu a ideia do presente artigo de forma cordial.

Tratando-se de uma pesquisa descritiva envolvendo questionário e observação sistemática, com a finalidade de relacionar com as características do tema em questão conforme propósito do artigo. Os dados coletados foram analisados descritivamente em forma de artigo científico.

Para tanto, este artigo foi assim organizado, num primeiro momento abordamos os Parâmetros Curriculares Nacionais referentes à disciplina de História (1997) e a Proposta Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 2, nº2, julho/dezembro 2018.– Curso de Pedagogia– UNESC

Curricular de Santa Catarina (1998). De forma complementar embasaram teoricamente este trabalho autores como: BARBOSA E HORN (2008), OSTETTO (2000), ZAMBONI (2002), HOBSBAWM (2012).

2 SILENCIAMENTO NA DOCUMENTAÇÃO OFICIAL: OS PCN'S, A PROPOSTA CURRICULAR DE SANTA CATARINA E O ENSINO DE HISTÓRIA

Durante a década de 1990, realizou-se a Conferência Mundial sobre Educação para Todos, na cidade de Jontien na Tailândia organizada pela UNESCO, UNICEF, PNUD e Banco Mundial, sendo o Brasil um dos países participantes. Conforme o autor Neto (2009) afirma, foi a partir desta conferência que foram instauradas algumas reformas educacionais de necessidade básica, visto que existia um grande desprovimento na área da educação. Tinha-se como intuito a generalização do acesso à educação fundamental. Em decorrência, foi elaborada a Semana Nacional de Educação para Todos, em Brasília, no ano de 1993 entre os dias 10 e 14 de maio que veio de forma a complementar as ideias já debatidas.

Tendo como base estes acontecimentos, Neto (2009), elucida que o MEC elaborou o Plano Decenal de Educação para Todos, um conjunto de diretrizes que focou em uma educação básica de qualidade. Estas políticas nacionais culminaram nas reformas educacionais, resultando na aprovação da Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional em dezembro de 1996, interligada ao Plano Decenal de Educação, em conformidade com a Constituição Federal de 1988.

Em 1990, o MEC publicou os Parâmetros Curriculares Nacionais de 1ª a 4ª série; no ano de 1997 de 5ª a 8ª série e; em 1998 de Ensino Médio, por fim, o PCN no ano de 2002. Tais implementações possuíam o objetivo de “ampliar as oportunidades de aprendizagem, luta pela satisfação das necessidades básicas da aprendizagem e tornar universal a educação fundamental” (BRASIL, 1997, p.14).

O PCN do ano de 1997, referente à disciplina de História, apresenta em sua totalidade uma proposta que vem ao encontro do respeito à diversidade aliada ao exercício da cidadania e construção de identidade, objetivando uma sociedade democrática, que assegure o direito a educação. Estes princípios foram estabelecidos conforme fragmento do documento:

Cada criança ou jovem brasileiro, mesmo de locais com pouca infraestrutura e condições socioeconômicas desfavoráveis, deve ter acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários para o exercício da cidadania para deles poder usufruir. [...] Deve ter o direito de aprender e esse direito deve ser garantido pelo Estado. (BRASIL, 1997, p. 28).

Os Pcn's de História para o Ensino Fundamental sugerem que, os conteúdos de História sejam divididos em quatro eixos temáticos a serem abordados em dois ciclos. O primeiro ciclo compreende 1ª e 2ª série, tendo como proposta a “História Local e do Cotidiano”. Que tem como objetivo:

Os estudos da história local conduzem aos estudos dos diferentes modos de viver no presente e em outros tempos, que existem ou que existiram no mesmo espaço. Nesse sentido, a proposta para os estudos históricos é de favorecer o desenvolvimento das capacidades de diferenciação e identificação, com a intenção de expor as permanências de costumes e relações sociais, as mudanças, as diferenças e as semelhanças das vivências coletivas, sem julgar grupos sociais, classificando-os como mais “evoluídos” ou “atrasados”. (BRASIL, 1997, p.40).

Já no segundo ciclo, 3ª e 4ª série, a sugestão é: “História das Organizações Populacionais”, onde:

Prevalecem, como no primeiro ciclo, os estudos comparativos para apercepção das semelhanças e das diferenças, das permanências e das transformações das vivências humanas no tempo, em um mesmo espaço, acrescentando as caracterizações e distinções entre coletividades diferentes, pertencentes a outros espaços. Nessa fase, é importante que os alunos dimensionem as relações sociais, econômicas, políticas e culturais que vivenciam, enriquecendo seu repertório histórico com informações de outras localidades para que possam compreender que seu espaço circundante estabelece diferentes relações locais, regionais, nacionais e mundiais. (BRASIL, 1997, p.46).

Sendo uma das propostas mais atuais no que se refere ao ensino de História, os PCN's acabam desaprovando os métodos tradicionais de ensino e elucidam a forma como os conteúdos devem ser trabalhados, ressaltando o gosto pela aprendizagem e construção de um sujeito crítico, tendo a diversidade como embasamento de estudo. Essas questões são especificadas no texto do PCN's para o ensino fundamental da 1ª a 4ª séries (1997), ressaltando que o ensino de História tem como objetivo específico a construção da identidade.

Tornando-se essencial que se estabeleçam conexões entre identidade individual, social e coletiva.

Desta forma, apresenta-se a seguinte reflexão: Como estas datas adentram no currículo escolar sendo que não estão especificadas nos PCN's. Para tanto o documento afirma que “os acontecimentos, identificados pelas datas, assumem uma ideia de uniformidade, de regularidade e, ao mesmo tempo de sucessão crescente e acumulativa, [...] criando assim a ideia de povos atrasados e civilizados”. (BRASIL, 1997, p.25). Ou seja, esta concepção sugere que todos devem percorrer o mesmo caminho. Levando em consideração as novas junções familiares, torna-se inconcebível que todos os alunos percorram os mesmos trilhos de uma família tradicional.

Seguindo na análise dos documentos, tomamos como referência a Proposta Curricular de Santa Catarina de 1998. Conforme considerações feitas por Santa Catarina (1999) no ano de 1983, deu-se início a alguns diálogos entre professores das redes públicas, estaduais e nível superior do Estado de Santa Catarina, referentes à educação catarinense. Este processo resultou na realização de um Congresso estadual no município de Lages, em Outubro do ano de 1984. Nele foram debatidas questões que tratavam sobre a democratização da educação, a partir de uma análise das orientações até então exercidas, ressaltando a carência de propostas mais atuais e democráticas. O movimento originou a proposta do Plano Estadual de Educação- PEE, entre os anos de 1985 e 1988. A partir de um segmento de diálogos e estudos obtiveram-se como resultado a primeira versão da Proposta Curricular de Santa Catarina.

Nos anos de 1996 e 1998 a mesma passou por uma análise, transformando-se na segunda versão. Para tanto no ano de 2014, “A atualização da Proposta Curricular do Estado de Santa Catarina ocorre em face dos desafios contemporâneos que permeiam o campo educacional, ao mesmo tempo em que se reconhecem a pertinência e a atualidade das suas bases teórico-metodológicas.” (SANTA CATARINA, 2014, p.19).

Da mesma forma, a PCSC é muito específica quando aborda o tema diversidade:

A diversidade está relacionada com as aspirações dos grupos humanos e das pessoas de viver em liberdade e no exercício de sua autodeterminação, como também à aspiração da vida em democracia e à necessidade de vivenciar coletivamente as realidades sociais que são múltiplas e de lutar pelo reconhecimento dos direitos humanos e a respeitá-los. (SANTA CATARINA, 2014, p.54)

Logo, pode-se afirmar que o papel da escola e dos educadores é o de respeitar as diferentes junções familiares, assim como religiões e demais identidades sociais como, LGBT, ciganos dentre outros. Para tanto alega que:

A igualdade de direitos não pode ser confundida com a inclusão das minorias aos costumes e tradições hegemônicos, ao contrário, ao considerar todos estudantes e suas diferenças humanas, tornam-se necessárias a revisão e a reorganização curricular que considere que o sujeito, como cidadão pleno e integral, tem o direito de frequentar uma escola voltada para a diversidade e na diversidade, que oportunize convivências e vivências reflexivas em diversos espaços, tempos e grupos culturais plurais. (SANTA CATARINA, 2014, p.89)

Discorrendo sobre as novas junções familiares, tema abordado na PCSC, por fazer parte das diversidades que permeiam o ambiente escolar, faz-se necessário falar sobre:

Educação sexual, que em toda a educação básica, aponta para a necessidade de superar padrões estereotipados das relações de gênero e do modelo familiar único, pautado na família nuclear. O contexto atual requer o reconhecimento dos diversos arranjos (organizações, configurações) familiares da contemporaneidade, o que possibilitará a reflexão e problematização do conceito de família, ampliando os recursos para discutir gênero, diversidade sexual e direitos humanos. (SANTA CATARINA, 2014, p.61)

Todavia quando estas datas, dia das Mães e dos Pais, são festejadas de forma tradicional, essas mudanças familiares são postas de lado e os alunos acabam sendo negligenciados no contexto escolar. Pois, estas famílias que compõe a comunidade escolar, nem sempre contam com esses “Pais” ou “Mães” propriamente ditos, mas sim figuras cuidadoras.

Há anos a escola tem como alicerce as datas comemorativas, resultando, desta forma, em uma homogeneização das comemorações escolarizadas, as quais deveriam demonstrar os princípios básicos familiares, levando em consideração não apenas o modelo padrão de família. Para tanto Wagner, Halpern e Bornholdt (1999) afirmam que os padrões familiares estão se reestruturando e absorvendo mudanças psicológicas, sociais, políticas dentre outras. Essas mudanças carecem de um tempo para atuação, pois é a realidade e precisa ser enfrentada.

A partir da análise dos PCN's, e da Proposta Curricular de Santa Catarina, não foram identificadas especificações para se trabalhar com estas datas comemorativas, tendo em vista que a PCSC entende que “exercitar a diversidade como princípio formativo requer não apenas conceber as datas comemorativas pelo seu contexto histórico e crítico como um fato social, mas, sobretudo, a contextualização da diversidade no decorrer de todo processo formativo.” (SANTA CATARINA, 2014, p.87). Portanto, tais datas e comemorações devem estar aliadas a realidade do aluno, engajadas ao que se refere à formação de um sujeito crítico e atuante na sociedade.

Desta forma questiona-se o quão significativa estas datas são para os alunos e de que forma interfere na aprendizagem, considerando suas particularidades no atual contexto social. Segundo Bueno (2017) a escola precisa se descaracterizar no que se refere ao real significado das celebrações de tais datas, pois é preciso muito mais que apenas celebrações para emocionar as famílias. É necessário fazer-se entender, afirmar quais são suas prioridades. A família deve ficar contente ao ver seus filhos aprendendo com as diferenças e socializando, e não apenas saindo bem nas fotos das apresentações.

Para Zamboni (2002) a reestruturação do passado é concebível quando localizado no universo conhecido pelo aluno e intrinsecamente relacionado a seus interesses. Discorrendo sobre esta perspectiva, podemos analisar que as comemorações se fazem necessárias, pois este modelo de família nuclear se faz presente na vida de muitos alunos. Porém, é preciso ter em vista que a escola é um lugar de acolhida e reconhecimento do indivíduo, o que nos leva a questionar como os alunos que possuem outros modelos familiares seriam contemplados com datas que se restringem à homenagem apenas aos pais e mães, e não suas figuras cuidadoras.

Discutindo sobre o significado das comemorações em sala de aula Barbosa e Horn (2008) afirmam que as crianças acabam sendo usadas como meros objetos de atividades pedagógicas sem significado, pois os conhecimentos adquiridos durante as festividades são segmentados e na maioria das vezes, simplórios. As comemorações do dia dos Pais e dia das Mães não são conteúdos pertencentes aos currículos escolares, o que nem sempre é explícito e acaba aparecendo apenas nas entrelinhas, entretanto, não obstante a

imposição dogmática, tácita, encontram-se presentes em vários momentos do processo pedagógico.

Sob o mesmo ponto de vista, Ostetto (2000) percebe estas festividades como sendo de caráter obrigatório em muitas escolas, desta forma os docentes acabam por realizar as mesmas atividades durante muitos anos. E como consequência, aquilo que era para ser um momento de aprendizagem se torna algo maçante, tedioso, sem grandes finalidades, o que acaba por não enriquecer seu repertório cultural.

Assim, percebemos que as datas comemorativas se colocam como uma tradição inventada. De acordo com Maia (2017) tradições seriam aqueles acontecimentos do passado, que não foram desmemoriados, pois são permanentemente recordados, alimentados e vividos. Fatos que um grupo dominante elegeu para não serem esquecidos. Porém, alguns destes sentimentos, ideias e histórias são facilmente esquecidos, por não fazerem parte da identidade e cultura. E, de acordo com Hobsbawm (2012, p. 9) compreende-se:

Por tradição inventada um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado.

Sob o mesmo olhar, Hobsbawm (2012, p.10) afirma que: “são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória”. Em muita das vezes acabam por se remeter a este passado de forma bastante artificial e sem significância para os educandos, o que muitas vezes acontecem com as comemorações dos dias dos Pais e Mães.

Pois, de acordo com Maia (2017) não são feitos debates ou reflexões por parte da escola para averiguar a necessidade destas datas serem instituídas no âmbito escolar. Em conformidade com este ponto de vista, verificou-se que a comemoração destas datas está intrinsecamente ligada a este entendimento. Pois apesar de mudarem algumas músicas ou lembrancinhas, o costume se repete, assim como um ritual, uma tradição. Desta forma observa-se que, muitos dos alunos que não possuem o padrão centralizado de família nuclear, pai, mãe e filhos, não seriam contemplados em tais festividades. Para tanto, apanhou-se um

caso que ocorreu com a atriz Luana Piovani referente ao dia das mães, no mesmo ano da publicação do presente artigo.

Segundo relato da própria atriz, seu filho, Dom, de cinco anos, foi impedido de participar da apresentação de dia das mães da escola onde estuda. Pois estava acompanhado pelo pai, e não da mãe. Luana chegaria um pouco mais tarde à festa, pois estava no trabalho (Crescer, 2017).

Segue fragmento da fala revoltada desta mãe. Concedido para revista eletrônica Crescer (2017):

Sim!! O Pedro também é mãe do Dom assim como eu às vezes também sou pai. Tão ultrapassado essas pessoas/instituições que buscam e exigem definições de algo que o próprio AMOR já define. Família é um grupo de pessoas que convivem e multiplicam amor. Quem é pai e quem é mãe, quem é o gato ou o cachorro não cabe a ninguém de fora definir!

Inegavelmente, estas situações ocorrem nas escolas. Sendo assim é preciso repensar o papel da escola enquanto instituições acolhedoras, nunca discriminadoras, em querer procrastinar esta tradição que não representam as junções familiares apresentadas. Partindo do princípio de que, estas datas devem ser usadas como mecanismos de real significado para os educandos, e não o fruto de um saber sistematizado.

3 O QUE DIZEM OS PROFESSORES

Para que não ocorra a identificação das professoras, as falas analisadas terão identificação específica. A professora um será identifica por F1, a professora 2 como F2, a professora 3 F3.

Desta forma, evidencia-se a importância em ouvir estes professores que prontamente se dispuseram a partilhar conosco de suas práticas e posicionamentos. Segundo Oliveira (2017, p.6):

Antes de qualquer decisão acerca da educação, é preciso ouvir o professor. É ele que acompanha o aluno, medeia o conhecimento, faz parte do processo pedagógico efetivamente. É ele que enfrenta as dificuldades de aprendizagem do aluno, as carências afetivas destes, e principalmente sabe como adequar os conhecimentos prévios dos educandos aos conteúdos curriculares da escola Nesse sentido, o

professor precisa também sentir-se motivado a caminhar frente às exigências da sociedade.

Em outras palavras, o professor não deve ser visto apenas como um transmissor de informações, mas um impulsor de conhecimentos. Oliveira (2017) até então, alega que, o educador deve considerar e potencializar a bagagem do seu aluno, na busca pela formação da sua cidadania, na busca pelo novo.

Como forma de organização e abrangência do tema em questão, as perguntas foram divididas em três eixos. O primeiro deles refere-se à visão que os professores têm sobre as datas comemorativas. Já o segundo eixo englobou as formas como estas datas são trabalhadas dentro da escola. O último eixo contém perguntas que se referem às datas comemorativas dentro do currículo da disciplina de História.

Para tanto, foi questionado as professoras se elas trabalham, ou já trabalharam com as datas comemorativas. Todas responderam que sim. Pois afirmaram que se trata de uma exigência na maioria das escolas em que já lecionaram ou lecionam em outro período. Destaco F1 quando respondeu da seguinte forma: Quando somos obrigados a trabalhar com estas datas, tenho a impressão que elas não são contextualizadas com os saberes prévios dos alunos. Semelhantemente, Tonholo (2014) discorre que estas ideias sobre as comemorações são instauradas nas escolas sem questionamento algum. Mas é necessário repensar como estão sendo trabalhadas, tendo em vista que não se trata de transmissão de conteúdos ou apenas apresentações para os pais.

Quando questionados se consideram importante e o porquê. As professoras expressaram que não existe uma real significância em trabalhar com estas datas, pois todo conhecimento deve estar contextualizado. E quando se trabalha de forma isolada, não estão exercitando a contextualização. F2 argumenta da seguinte forma: considero algumas datas importantes, mas não o dia dos pais e dia das mães. Também não devemos parar o plano para trabalhar com elas. Mas sim de forma contextualizada e interdisciplinar, para que o conhecimento da criança seja agregado. Assim como Ostetto (2000) declara que as datas são utilizadas como desculpa para serem realizadas atividades específicas. Isso faz com quem não se acrescente conhecimentos para as crianças. Uma vez que as datas fecham-se em si mesmas, sem maiores intencionalidades referente a construção de conhecimento dos educandos.

Em relação à questão que questiona a opinião delas sobre as datas, em especial o dia dos pais e o dia das mães, as professoras responderam de forma unânime que não gostam de trabalhar com elas, pois é um tema que deixa muitas crianças em situação desconfortável. Por entenderem que nem todos os alunos possuem o padrão centralizado de família e quando expostos a estas comemorações, acabam por não se sentir parte de um todo. Destaco F3 em sua fala: duas datas que não gosto, pois já fui aluna e meu pai morreu quando eu tinha 14 anos, e eu fazia meu cartão e me sentia triste com isso, pois não tinha para quem entregar. Sob o mesmo ponto de vista, Bueno (2017) indaga:

Mas o que dizer para aqueles que têm outra configuração familiar? Sem o pai, sem a mãe, criado pelos avós, com duas mães, com dois pais? “Olha, ainda não criaram uma data para essa configuração familiar específica...esse ano você não leva presentinho”. Como seria dar conta de todos esses movimentos? Mas o que de fato queremos é acalantar corações com afeto. E não precisamos dessas datas para isso!

Na questão que se refere ao papel das datas comemorativas, as entrevistadas responderam de forma geral que não existe necessidade em se trabalhar o dia de forma específica. F3 afirma que: não é preciso ser trabalhado apenas no dia da data, o que é ser um pai ou uma mãe. Mas sim de forma contextualizada ao ensino. Conforme a PCSC (2014), todo o processo de ensino-aprendizagem deve partir da identidade e contexto socioculturais dos alunos. Somente assim irá auxiliar na construção de identidade, tendo como objetivo maior o respeito às diferenças. Por meio de conversas, estudo e pesquisa, sempre refletindo sobre o conhecimento que foi ou será adquirido.

Para o segundo eixo, que compreende as datas dentro da instituição de ensino. Foi questionado, como seria contemplado o aluno que não possui um padrão nuclear de família. F2 e F3 afirmaram que sempre optaram por não trabalhar, pois dentro da realidade de uma sala de aula é difícil englobar todos os alunos dentro de uma mesma dinâmica. Destaco F1 com a seguinte argumentativa: Trabalhar com a criança o sentido e a essência da palavra, o que seria ser um pai, ou uma mãe? Para que este aluno no futuro possa ser um verdadeiro pai ou verdadeira mãe. Pois nem sempre os pais são figuras masculinas, ou as mães figuras femininas.

De acordo com a PCSC (2014) é necessário estar presente em toda a Educação Básica, o caráter da co-educação permanente, para que ocorra a igualdade nas relações de gênero e se torne uma realidade conhecida por nossas crianças e jovens. Possibilitando a interação de meninos e meninas nas mesmas atividades, desta forma estará sendo contribuído para que se tornem homens e mulheres com mais eficiência e reflexões das vivências sexuais e processos socioculturais. Superando as violências através da afetividade.

Quais seriam as alternativas utilizadas? É feito algum outro procedimento? Todas educadoras responderam citando a Festa da Família, um evento realizado pela instituição, para as famílias dos alunos. Destaco f3: Temos o dia da família, mas a festa não enfatiza a construção de lembranças. Enfatiza a participação e interação da família e construção de valores. Também vale ressaltar que, conforme a pergunta 7- Os pais já questionaram a não comemoração? A resposta de todas foi não, argumentando que os mesmos já estão habituados a organização da instituição referente às datas. Do mesmo modo Laiuskas (2017) salienta que:

Por isso muitas escolas acabaram com as tais festas do dia das mães e dos pais e instituíram o dia da família, comemorado em uma data aleatória. Nessa festa, o foco é celebrar quem cuida, acolhe e educa essa criança: são avós, tios, padrinhos, uma mãe-solo, um pai-solo, dois pais, duas mães e até, olha só, um pai e uma mãe. Em tese, toda criança tem alguém, ou várias pessoas e elas merecem ser celebradas. Se eu fico triste por não ter festinha de dia das mães na escola do meu filho? Ora, ora, eu já sou adulta, sei lidar com as minhas frustrações.

Compreendendo o terceiro eixo que aborda as datas comemorativas dentro do currículo, questionou-se da seguinte forma, considera importante o ensino das datas comemorativas na disciplina de história? De forma unânime todas responderam que não. Destaco F2: Não considero importante, mas se for um caso de ser obrigado a trabalhar, tentar pensar de uma forma que transmita para os alunos os valores de uma família. Até porque estas histórias são contadas apenas por um ponto de vista. Como também, Ostetto (2000) afirma, quando são trabalhadas as datas comemorativas, as escolhas tornam-se ideológicas, pois algumas são eleitas e outras não. Elege-se uma, tornando-a única e verdadeira, com heróis e vencedores ao final da história. Muitas vezes os acontecimentos não tão gloriosos, são omitidos e/ou ignorados.

Seguindo na temática do eixo foi questionado se dentro do currículo de história, isso é um conteúdo? As educadoras responderam que sim, porém não se concentram na representação do que seria o dia dos pais ou das mães. Destaco F1: sim é um conteúdo, mas não paramos o projeto para trabalhar dia das mães por exemplo. Abordamos o histórico da família, assim como a árvore genealógica, origem da família entre outros. De conformidade com os PCN's (1997) referente a disciplina de História que traz como temas a serem abordados o “estudo das famílias dos alunos: origem geográfica das famílias [...] época de deslocamento da família para região, lembranças da família sobre as razões e as trajetórias de deslocamentos, época de chegada na localidade” (BRASIL, 1997, p.48).

Para finalizar o questionário, foi perguntado: Se você trabalhasse com estas datas, de que forma seria? Todas responderam que focariam na questão de valores, do que seria ser uma família. Ressaltando as diferentes junções familiares que se apresentam. Destaco F3: trabalharia os sentimentos que envolvem estas datas e não o fato de presentear. Trabalhar a questão do que é ser uma mãe, que não é só aquela que gera a criança. Pois as famílias estão diferentes, não são mais aquelas de comercial de margarina. Neste sentido:

Pode -se dizer que a coexistência de configurações e estruturas familiares diversas tem ampliado não só o conceito de família, mas também suas implicações na sociedade, gerando a necessidade de aceitar e conviver com o diferente. Nesse caso, tal pluralidade na configuração dos núcleos familiares tem demandado a criação de novos paradigmas explicativos que deem conta de tal complexidade. (WAGNER, 2011. p.20)

Assim sendo, compreende-se que é preciso refletir sobre os diferentes significados, e impactos que a comemoração destas datas vão exercer no processo de aprendizagem do aluno, sobretudo, a importância em ouvi-los. Tendo como referência o currículo de História.

4 CONCLUSÃO

Este artigo assumiu como objetivo compreender se existe uma real importância em se trabalhar com as datas comemorativas, especificamente o dia dos Pais e o dia das Mães, com incidência especial ao que se refere ao ensino de História no Ensino Fundamental.

Assim, a partir da análise de dados, foi possível concluir que as datas
Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 2, nº2, julho/dezembro 2018.– Curso de Pedagogia– UNESC

comemorativas, sendo ela Dia dos Pais e dia das Mães não se fazem presentes no currículo de História. Desta forma, retomamos a ideia a concepção de Tradição Inventada, um momento histórico onde um grupo dominante escolhe situações e fatos para serem eternizados, a fim de perpetuarem sua cultura. Sendo ela eleita, acaba por não representar todos os membros que compõe a mesma sociedade.

Os professores questionados desaprovam o uso das datas comemorativas como conteúdos para serem desenvolvidos e trabalhados em sala de aula, pois compreendem que esta relação não deve ser vista apenas como situação em que se presenteiam os familiares, mas com o propósito de estar sempre alinhada à diversidade dos diversos tipos de família que nos permeiam. Com o entendimento de que, estes momentos, envolvendo apresentações e homenagens, possui o condão de causar em algumas crianças uma sensação de miserabilidade, impotência e hipossuficiência em relação aos demais, pois não possuem o padrão familiar tradicional.

A escolha da Instituição de Ensino Bairro da Juventude se deu ao fato de a mesma optar por não trabalhar com as datas comemorativas de forma tradicional. Ou seja, não trabalham com o dia dos Pais e das Mães com o intuito de presentear ou enaltecer apenas aquele membro da família. Como alternativa, é feita a Festa da Família, que objetiva alcançar todos os membros que se fazem presentes na vida do educando, um momento de interação e diversão, onde é ressaltado os valores que constituem uma família, independente de sua conjectura. Para tanto podemos concluir o quão importante é, estarmos abertos pra novas concepções, de termos uma orientação pedagógica. Sendo a educação um espaço dinâmico, assim como a cidadania.

Gostaria que esse trabalho acadêmico pudesse ajudar a prática pedagógica no que tange a estas datas. Com o intuito de levar em consideração não apenas o ponto de vista dos educadores, mas também das crianças que são negligenciados com esta forma de ensino, as quais são a infantaria desta batalha contra gigantes, sendo que aquelas se encontram desarmadas de voz e de vez, ou seja, uma guerra praticamente perdida, ou melhor, um massacre.

5 REFERÊNCIAS:

BARBOSA, Maria Carmen S.; HORN, Maria da Graça S. **Projetos Pedagógicos na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008. 128 p.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais** – Primeiro e Segundo Ciclos do ensino fundamental - História e Geografia. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BUENO, Marcelo Cunha. **É papel da escola festejar as datas comemorativas?** 2017. Disponível em:

http://www.estilodeaprender.com.br/marcelocunhabueno/textos/E_PAPEL_DA_ESCOLA_FESTEJAR_AS_DATAS_COMEMORATIVAS.pdf

Acesso em: 02 out. 2017.

Crescer. **Filho de Luana Piovani é impedido de participar da apresentação de dia das mães na escola**. Disponível em:

<http://revistacrescer.globo.com/Curiosidades/noticia/2017/05/filho-de-luana-piovani-e-impedido-de-participar-da-apresentacao-de-dia-das-maes-na-escola.html>. Acesso em: 01 out. 2017.

GAGLIANO, Pablo Stolze; PAMPLONA FILHO, Rodolgo. Novo Curso de Direito Civil. Direito de Família. São Paulo: Saraiva, 2011. V. 6, 98 p.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

HOBSBAWM, Eric. Introdução – **A invenção das tradições**. In HOBSBAWM, Eric J. RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

LISAUSKAS, Rita. **Acabem com o tormento das festas de dia das mães da escola**, Aproveitem e cancelem a do dia dos pais também. Estadão. Disponível em:

<http://emails.estadao.com.br/blogs/ser-mae/acabem-com-o-tormento-das-festas-de-dia-das-maes-da-escola/> acesso em: 01 de out. 2017

MAIA, Marta Nidia V. G. **Educação infantil: com quantas datas se faz um currículo?** Dissertação mestrado – PUC-Rio, Departamento de Educação, 2017.

NETO, Manoel Pereira de Macedo. **Parâmetros curriculares nacionais de história:** desafios e possibilidades da história ensinada na Educação Básica. 2009. 11 f. Mestrando em Educação – UFP.

OLIVEIRA, Wilandia Mendes de . **Uma abordagem sobre o papel do professor no processo ensino/aprendizagem.** Disponível em:

https://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arq-idvol_28_1391209402.pdf

Acesso em: 04 .out .2017

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Encontros e Encantamentos: partilhando experiências de estágio.** Campinas: Papirus, 2000. 196 p.

SANTA CATARINA. Considerações sobre Diretrizes Curriculares Nacionais- DCN´s- Parâmetros Curriculares Nacionais PCN´s- Proposta Curricular de Santa Catarina- PC/SC. Florianópolis,1999.

SANTA CATARINA. Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio (Disciplinas Curriculares). Florianópolis: COGEN, 1998.

SANTA CATARINA. Proposta Curricular de Santa Catarina: Formação Integral na Educação Básica. Estado de Santa Catarina- Secretária de Estado da Educação. Florianópolis,2014.

TONHOLO, Thamiris Bettiol. **Ressignificando o trabalho com as datas comemorativas na escola:** outros olhares para a prática educativa. Trabalho de conclusão de curso. 2014. 67 f. Universidade Estadual de Londrina- Londrina 2014.

Wagner, A. Halperin, S. C. & Bornholdt, E. A. **Configuração e estrutura familiar: um estudo comparativo entre famílias originais e reconstituídas.** Psico. Vol. 30, Nº2 (1999),.

WAGNER, A. et al. **Desafios psicossociais da família contemporânea:** pesquisas e reflexões. Porto Alegre: Artmed, 2011. 208 p

ZAMBONI, Ernesta. **O Ensino de História e a Construção de Identidade.** In Boletim Pedagógico/PROEB 2001. UFJF/CPPAE.2002.